

Ano novo em Berlin

Unanimidade internacional: final de ano, em Berlin, tem que ser na Brandenburger Tor. Lá vou eu. Um grau abaixo de zero, 14 peças de roupa sobre a carcaça (incluindo uma bota novinha, solado Vibran, chave nessa história) e, ainda assim, com as orelhas geladas.

Para escapar da muvuca, vou para a Potsdamer Platz, uma estação de metrô antes do evento. Cerca de 500 metros. Surpresa: a polícia não deixava ninguém passar. Há 3 horas já estava lotado e eles fecharam tudo. Ninguém mais entrava, só saía.

Decidi ir pela porta dos fundos. Flanqueei a barreira policial dois quarteirões à leste, subi uns 8 quarteirões ao norte até bater na FrederickStrasse, uma rua de comércio dos grã-finos. Ela cruza a Unter den Linden, que é a avenida exata continuação da Strasses 17 Juni, onde era a festa. Ficaria com a Brandenburg Tor entre eu e a festa, mas já seria alguma coisa. Daria para ver os fogos e, esperava, alguma música.

Nada. Como a embaixada dos EUA fica pegada, literalmente, a este lado da Branderburger Tor, um cordão de isolamento não deixava ninguém chegar menos que uns 500 metros da porta dos fundos da festa. Gente acumulando, turista reclamando, berlinense bebendo e mais gente chegando. Toca fogos a explodir.

Cansado e decepcionado, resolvi que iria achar algum lugar para sentar, comer algo que prestasse (imaginei, em casa, milhões de barraquinhas vendendo würost, as maravilhosas linguiças alemãs e estava com o estômago vazio). Minha canseira já estava batendo naquele ponto em que o preço já não importava tanto. Voltei à FrederickStrasse, onde tinha avistado uma barraquinha. Uma música bate-pau estrondosa, uma fila enorme: motivos suficientes para andar mais à frente. Dois quarteirões abaixo, em uma ruinha escura à leste, um restaurante italiano ABERTO. Entrei e me informei se havia lugar, pois tudo me parecia reservado. HAVIA lugar. Sentei em uma mesinha, de uns 80 por 80 centímetros, na fileira do meio das três filas de mesas que era todo o restaurante. Toca a tirar roupa: eram 9 das 14 peças que deveriam ser depositadas na cadeira do outro lado da mesa sem que despencassem ao chão. Feito o pedido, banheiro que ninguém é de ferro.

Na volta, me admirei como os alemães estavam felizes – algo que voltei a notar depois, na rua e no metrô. Meio embriagados, falavam alto e se tocavam, coisas que não se encontra entre eles no dia a dia. A alegria era meio contagiosa. Clima legal.

Estava tão cansado e distraído com tudo que não me dei conta, na volta do banheiro, que já haviam me servido o meio litro de cerveja Weiss (boa prá daná) que pedira para acompanhar o tagliatere com peito de pato ao molho de tomate (divino!). Viva! Cerveja vai, cerveja vem, massa maravilhosa no estômago, o enorme copo de uns 25 centímetros de altura de pura cerveja já quase no fim, notei que já não estava muito bem dos neurônios. Para pedir a conta me sai com uma frase meio assim:

— Por favore, l'addition, bitte!

O garçom riu. Eu não entendi imediatamente o porquê: estava mesmo passado.

No meio do peito de pato com o tagliatelle, duas coisas começaram me chamar a atenção. Uma delas, meio embaraçante. Uma trilha negra sobre a toalha branca se tornava cada vez mais preta com o movimento do meu braço direito, com o qual eu estava pegando a cerveja. Imaginei que sujara na rua; fosse o que fosse era estranho e constrangedor. O restaurante era meio chique, afinal! A segunda coisa a me chamar a atenção foi um casal, me pareceu de americanos, que sentara a uns 45 graus às minhas costas, do lado direito. Pouco mais de um metro e meio, ou coisa assim, da minha mesa. O lado masculino do casal era alto e forte, grande mas não gordo. Loiro e largo. A mulher, essa era a figura: um vestido vermelho brilhante, com lantejoulas, de deixar o nego ofuscado. Um salto alto que era maior do que a perna dela e um cabelo que passava bem um palmo da testa, para cima. Uma coisa

horrenda. Com minha maldade, comentei comigo o "que esse rapaz está fazendo com essa velhota?" Tem gente prá tudo nesse mundo: o exemplo confirmava a lei geral.

Após o meu pedido tri-lingue, o garçom veio com a conta pelo meu lado esquerdo. Com a minha mão direita, fui pegar o resto da cerveja enquanto com a esquerda considerava a conta que estava sobre a mesa. Baratiníssima! 20 euros por aquele jantar e cerveja! Alguém à minha frente, na fila de mesas à direita da minha, uma mulher, gritou alguma coisa e me dei conta que meu braço estava em chamas. Essa a razão da trilha negra na toalha: para pegar a cerveja meu braço passava por cima de uma minúscula vela, dentro de um minúsculo copo, e meu suéter sintético e inflamável foi se tornando a cada movimento mais íntimo da chama. Até que pegou fogo.

Com a clareza de raciocínio que a adrenalina me dá nas horas de emergência, considerei tudo o que havia sobre a mesa. O prato ainda por ser tirado, a jarra com a água na ponta à minha esquerda do outro lado da mesa, o copo de cerveja quase vazio na minha mão direita, o copo com água entre a jarra e o meu prato, o guardanapo no meu colo e a extensão do fogo na minha roupa. A extensão era pequena, ainda não estava me queimando (uma das virtudes de se vestir como cebola, camada após camada!) Havia, ainda, algum tempo. Decisão tomada: me levantaria e jogaria a jarra de água sobre o meu pulso. No máximo molharia minha bota impermeável e faria uma meleca no restaurante! Algo aceitável, na situação.

Ao me levantar, empurrando a cadeira com a perna, a maravilhosa aderência da sola Vibran (bem disse que ela voltaria à história) garantiu que meu corpo iria para trás mas, não, meu pé direito. Com o corpo meio erguido e a jarra de água já na minha mão e fora da mesa, fui caindo para trás. Novamente, minha mente que não entra em pânico em momentos de emergência, considerou tudo: a distância que havia para empurrar mais a cadeira, a possibilidade de trazer meu pé um pouco mais para trás, a eventualidade de eu virar o corpo e me apoiar na cadeira, mesmo que largando a jarra no chão ... e o fogo continuava queimando. Tudo calculado e as possibilidades traçadas, não havia o que fazer: a queda era inevitável! A prioridade era apagar o fogo tão logo recuperasse qualquer controle sobre o movimento do meu corpo. Passei a considerar o que fazer uma vez finda a queda e, ao mesmo tempo, não resisti e comecei a gargalhar. Tinha a certeza de que, no futuro, riria muito de tudo aquilo. Por que, então, não começar ali mesmo? A gargalhava rolou. Não deu para ver, mas imagino que o restaurante todo estava paralisado e todos os olhos estavam, não em Gaza, mas em meu braço em chamas.

Cai no cara que eu imaginava ser americano, minha cabeça bateu na perna dele e escorregou para debaixo da mesa do estranho casal. A jarra que estava na minha mão caiu sobre a mesa deles, derrubando as taças, o vinho e uma Niágara Falls escorria por todos os cantos da mesa sobre meu corpo. O lado masculino do casal se levantava e o lado feminino dava estriliques e gritava. Eu, no chão, rolei a manga do suéter na água e no vinho que corriam pelo chão e o fogo se apagou.

Agora, sim, dava para dar risada!

Nesse momento, algo estupendo me foi dado a admirar. O curtíssimo vestido do lado feminino do casal não foi suficiente para velar que ela estava sem nada por baixo e, ainda, com tudo depilado. Cena horripilante! Minha risada virou gargalhada enquanto o dono do restaurante e dois garçons administravam os danos. Entre outras coisas, me ajudavam a ficar de pé. Eu não parava de rir. A cena dos baixios da lady não me saía dos olhos. Assim que fique de pé, em voz alta, como que espantado, falei para todos escutarem, apontando para ela:

— Kein dessus!

O que quer dizer, no meu alemão, algo como sem nada por baixo. Eu ria mais ainda, agora acompanhado por algumas outras pessoas no restaurante que entenderam meu pobre alemão. A risada cresceu na medida que outras pessoas iam entendendo até quase virar uma gargalhada geral.

Graças a Deus, o constrangimento logo passou! O gringo era austríaco. Virou com seu enorme braço para mim e, enquanto eu via seu punho crescer na minha direção, berrou algo que tinha, no meio, "Mein Mutter" (minha mãe). E eu apaguei...

Trezentos euros depois e após explicar ao gentil policial que tinha levado um soco do austríaco porque meu suéter pegara fogo (o que não era uma mentira), ainda deu tempo de ir para a Under den Linden fazer os filminhos que mandei para vocês...

Separem o que foi fato da fantasia... mas o fato é que foi uma noite ótima!! O cheiro de linguiça frita com pólvora queimada nunca mais vai sair das minhas narinas!!!

Abraços mil!